

MALGORZATA WIELGOSZ

Universidade Adam Mickiewicz, Poznań

wielgosz@amu.edu.pl

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE OS POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS

Abstract. Małgorzata Wielgosz, *Algumas observações sobre os possessivos em português* [Some Remarks on Portuguese Possessives], *Studia Romanica Posnaniensia*, Adam Mickiewicz University Press, Poznań, vol. XL/1: 2013, pp. 135-148. ISBN 978-83-232-2542-3. ISSN 0137-2475. eISSN 2084-4158.

The linguistic description of possessives is controversial. In traditional grammar they are defined as carriers of the meaning of possession or belonging; however, this paper intends to prove that in many cases such a meaning does not appear, and therefore, the possessive semantics of adjectives and pronouns known as possessives is a myth. Moreover, this article's aim is to show the importance of context in the interpretation of the real meaning of a possessive. In order to confirm these hypotheses, and given the scarcity of works concerning Portuguese possessives, studies on English, Spanish and Polish ones carried out by various authors have been analyzed. What is more, some data from Reference Corpus of Contemporary Portuguese (CRPC) have been examined. First of all, two different classifications of possessives are presented. Then, some cases of possessor deletion are shown, special attention being paid to the forms of expressing inalienable possession. After that, some structural characteristics of possessives are described, as well as their function as determiners. Finally, the paper shows the role that cultural and situational contexts play in the interpretation of the meaning of possessives.

Keywords: possessive pronouns, possessive adjectives, inalienable possession, cultural context

1. INTRODUÇÃO

A gramática tradicional do português define os possessivos como portadores de um significado de posse ou pertença. No entanto, as características dos possessivos portugueses ainda não foram explicadas de forma satisfatória. Por conseguinte, neste artigo pretende-se demonstrar que esse significado não se observa num grande número de casos e, como tal, a semântica possessiva dos pronomes e adjectivos conhecidos como possessivos pode considerar-se um mito. O objectivo do artigo é também comprovar que o significado real dos possessivos depende largamente do contexto cultural e situacional em que um enunciado é produzido¹.

Para corroborar esta hipótese, foram examinados os usos dos possessivos incluídos nos dados do Corpus de Referência do Português Contemporâneo. Recorre-se

¹ O estudo vai abranger somente o português europeu.

também às classificações e análises de diferentes autores que levaram a cabo estudos sobre os possessivos ingleses, espanhóis e polacos. Dada a escassez deste tipo de trabalhos em relação aos possessivos portugueses, é oportuno reflectir acerca desta categoria de palavras.

Na secção 2 vão ser apresentadas duas tentativas de classificação dos possessivos, a título de exemplo da dificuldade em sistematizar esta classe de palavras numa classificação abrangente. A secção 3 vai concentrar-se na eliminação do possessivo, prestando especial atenção às formas de exprimir a posse inalienável. Seguidamente, passar-se-á ao comentário das características estruturais dos possessivos (secção 4) e analisar-se-ão as suas funções como determinantes (secção 5). Finalmente, tentar-se-á vislumbrar em que consiste a ambissemia dos possessivos, dando ênfase ao papel desempenhado pelo contexto na sua interpretação (secção 6).

2. CLASSIFICAÇÃO DOS POSSESSIVOS

A descrição linguística da categoria dos possessivos é polémica: por um lado, nos estudos gramaticais, os pronomes e adjectivos como *meu, teu, seu, nosso, vosso*, etc. são considerados como «possessivos», quer dizer, como aqueles que exprimem a semântica da posse. Por outro lado, nas descrições lexicográficas distinguem-se muitos significados e diversos matizes deste tipo de palavras. Dadas as controvérsias que esta classe de palavras suscita, surgiram várias tentativas de classificá-las.

Kiklewicz (2012: 144) propõe a seguinte classificação dos possessivos², de acordo com a sua posição sintáctica. Esta análise foi realizada tendo em conta os possessivos em polaco; não obstante, nos exemplos mencionados os possessivos portugueses actuam da mesma forma.

- (1) em posição independente – o pronome pode ter vários significados, sobretudo o da posse, por exemplo: *este mel é meu*³ = «eu produzi/comprei/trouxe etc. este mel ou este mel pertence-me»;
- (2) em posição junto a um substantivo abstracto – significado objectivo, por exemplo: *a minha viagem* = «eu viajo/viajei/viajarei»;
- (3) em posição junto a um verbo – significado possessivo, por exemplo: *não mexas no meu* = «não mexas naquilo que me pertence»;
- (4) em posição junto a um verbo – significado sociativo: pessoas próximas, parentes, colaboradoras, etc., por exemplo *Vou à cidade ter com os meus* = «Vou à cidade visitar a minha família, os meus amigos»;
- (5) em posição junto a um substantivo concreto – diversos significados, dependendo do significado do verbo, por exemplo:

² Cabe observar que Kiklewicz se refere aos pronomes possessivos, mas nos exemplos que dá aparecem tanto os pronomes como os adjectivos possessivos.

³ Os exemplos (1) – (5) foram adaptados de Kiklewicz (2012). Todos os exemplos sem referência bibliográfica provêm da autora do presente artigo.

- a) *O sol perdeu o seu brilho.*
- b) *O cão escondeu-se na sua casinha.*
- c) *A galinha guia os seus pintainhos para a água.*

No último tipo de construções que contêm um possessivo (ponto (5)), como afirma Kiklewicz (2012: 145), o contexto cultural tem um papel muito importante. A análise semântica dos exemplos (5a, b, c) mostra que nestes casos não nos encontramos perante uma expressão com significado de posse. Em cada uma destas orações, a relação entre o sujeito da oração e o referente do grupo nominal que contêm o possessivo é diferente. A oração (5a) quer dizer que o sol produz o brilho; a (5b) significa que o cão mora na casinha e a (5c), que a galinha é a mãe dos pintainhos.

Uma classificação diferente é-nos proporcionada por Lopes (1972: 131 *apud* Mira Mateus et al., 2003: 62), na opinião do qual a relação de localização (no sentido de situação dum objecto relativamente a outro) pode variar dependendo de vários factores:

- (6) *a minha mão* – a posse inalienável;
- (7) *a tua casa* (no sentido de «a casa que te pertence legalmente») – a propriedade legal;
- (8) *o teu casaco* (no sentido de «o casaco que usas neste momento ou que costumavas usar») – o uso momentâneo ou continuado;
- (9) *a minha raiva* – a vivência dum dado estado interior;
- (10) *a tua intervenção no debate* – a participação num dado estado de coisas;
- (11) *o meu pai, o teu amigo, o seu patrão* – a existência duma relação de parentesco, afectiva ou profissional.

Ainda que nenhuma das análises referidas seja exaustiva, cada uma delas apresenta um ponto de vista original e mais complexo do que o oferecido pelas descrições tradicionais dos possessivos. No entanto, não é possível criar uma classificação ideal, já que os possessivos escapam a todas as classificações e o seu significado está estritamente relacionado com o contexto em que dado enunciado é produzido (ver secção 6).

De tudo o referido *supra* infere-se que o significado de posse ou pertença não é o único que os possessivos têm. Uma análise realizada pela autora deste artigo e baseada nos dados incluídos no Corpus de Referência do Português Contemporâneo também comprovou esta tese. Foram examinados 150 usos da palavra *meu*⁴, em diferentes contextos. Somente em 4 casos (isto é: 0,67%) este possessivo exprimia o significado de posse (entre eles, só houve um caso de posse inalienável). O uso mais frequente desta palavra (47 casos, 31,3%) referia-se ao grupo ao que se pertence ou qual se dirige (sintagmas como: *o meu partido, o meu grupo parlamentar, o meu elenco*). Em segundo lugar (33 casos, 22%) estava o uso do possessivo para exprimir uma relação de parentesco, uma relação afectiva ou profissional (sintagmas como: *o meu colega, o meu camarada, o meu amigo, o meu marido, o meu filho, o meu menino*).

⁴ Foram analisados os primeiros 150 casos da lista dos resultados.

3. ELIMINAÇÃO DO POSSESSIVO

Muitas vezes acontece que numa frase, na qual noutras circunstâncias apareceria um possessivo, este não se utiliza:

(12) *O director não estava contente.* = *O meu director não estava contente*⁵.

(13) *A mãe chegou.* = *A minha mãe chegou.*

(14) *O vizinho é simpático.* = *O meu vizinho é simpático*⁶.

Em relação a estes casos, cabe mencionar o princípio do egocentrismo, do qual se infere outro princípio, o da relação implícita entre o emissor do enunciado e o objeto (ou pessoa) designado pelo possessivo (Kiklewicz, 2012: 184). As denominações relacionais têm prioridade e indicam uma relação mais próxima entre o emissor e o referente da denominação. Este princípio mostra-se também no facto de que a posição sintáctica do possessivo fica vazia, conforme se observa nos exemplos (12) – (14).

Deste modo, resulta menos natural e também redundante a frase como *Deixei o meu casaco em casa*, preferindo-se a versão sem possessivo (*Deixei o casaco em casa*), já que estamos perante uma relação próxima entre o remetente e o referente. Os artigos podem individualizar um determinado exemplar da classe designada pelo substantivo, os nomes individualizados podem adquirir o significado de coisa possuída e o artigo alterna com o possessivo. Esta relação dá-se em substantivos que denominam parentesco, partes do corpo humano, actos ou faculdades psíquicas, alguns actos físicos, peças de vestuário e utensílios habituais do ser humano.

É importante notar, no entanto, que o artigo não transporta consigo o valor do possessivo, o significado possessivo é independente do artigo⁷. Uma prova disso é o facto de existirem muitas frases que não têm nenhum valor possessivo mesmo que apareça nelas um artigo definido. Para além disso, o significado de posse material aparece também em configurações nas quais o artigo definido (ou qualquer equivalente seu) está ausente do núcleo nominal (por exemplo: *A Maria defendia-se com unhas e dentes*). Nas construções nas quais aparece um artigo definido no lugar do possessivo o significado possessivo é co-referente com outro elemento presente, explícita ou implicitamente, na mesma oração (como nos exemplos (12) – (14))⁸.

O valor possessivo adscrive-se unicamente aos sintagmas nominais cujo núcleo é um substantivo concreto que pode ser, por isso mesmo, objecto de posse material

⁵ Os exemplos (12) – (14) foram adaptados de Kiklewicz (2012: 184).

⁶ Obviamente, em alguns contextos as interpretações dos exemplos (12) – (14) seriam diferentes. Por exemplo, se estamos a falar de X, o enunciado (12) refere-se ao director de X, o (13) – à mãe de X, etc.

⁷ Cabe recordar que em português nos possessivos a determinação do substantivo é dada pelo artigo ou demonstrativo que os precede obrigatoriamente. Quando precedem o substantivo, os possessivos ocorrem sem artigo apenas em exclamações ou em formas de tratamento, por exemplo: *Meu Deus!*, *Meu caro amigo!*

⁸ Para mais informação sobre o status do artigo, ver Karolak (2001).

(*O jardim faz-me feliz*), ao contrário do que acontece no caso dos substantivos abstractos (*a beleza, o amor*), que não podem ser objectos de posse material (*O amor faz-me feliz*). Como afirma Demonte (1988: 90), nos sintagmas nominais cujo núcleo é um substantivo concreto pode aparecer uma categoria vazia PRO com valor de sujeito. Os substantivos concretos dão lugar a uma projecção sintagmática com um PRO gerado na base que só pode ser ocupado pelo argumento possessor (*O jardim faz-me feliz = O meu jardim faz-me feliz*) (Demonte, 1988: 95).

Outra observação digna de atenção diz respeito à gramática tradicional, na qual para descrever as duas formas possíveis de possuir um objecto, distingue-se a posse inalienável (o objecto possuído forma parte do elemento possuidor) e alienável (o objecto possuído é independente). Em geral, o possessivo morfológico deve-se omitir quando a posse é inalienável⁹, mas em certos contextos pode explicitar-se (ainda que normalmente não o faça) quando é alienável.

- (15) a) *Ao João queimou-se-lhe a mão.* vs
 b) (*) *Ao João queimou-se-lhe a sua mão.*
 (16) a) *Ao João queimou-se-lhe casa.* vs
 b) *Ao João queimou-se-lhe a sua casa.*
 (17) a) *O Ricardo enxaguou os olhos.* vs
 b) (*) *O Ricardo enxaguou os seus olhos.*

Nos exemplos (15) e (17) vê-se muito claramente a diferença entre os dois empregos em questão. As frases (15b) e (17b) normalmente são consideradas como incorrectas. No entanto, se estamos a falar de uma mão artificial (uma prótese) ou de uns olhos artificiais, os enunciados (15b) e (17b) podem usar-se. Em outras circunstâncias, este uso seria redundante.

Vale a pena comparar as formas de exprimir posse em português e em espanhol. É interessante mencionar que o emprego do artigo definido, com valor do possessivo, na língua espanhola é frequentemente vinculado ao dativo ético, sendo a construção com o dativo ético mais natural:

- (18) *¡Come tu sopa!* vs. *¡Cómete la sopa!*
 (19) *¡Bebe tu leche!* vs. *¡Bébetela la leche!*

No entanto, em português este vínculo não se regista, sendo correcto e natural o emprego do possessivo nestes casos:

- (20) *Come a tua sopa!* vs. * *Come-te a sopa!*
 (21) *Bebe o teu leite!* vs. * *Bebe-te o leite!*

⁹ Cabe recordar que na análise dos dados do Corpus de Referência do Português Contemporâneo foi encontrado só um caso do possessivo usado para exprimir a posse inalienável. Também é importante ter em mente que esta afirmação é correcta no que diz respeito ao português, mas por exemplo em inglês o possessivo morfológico normalmente não é elidido ao exprimir-se a posse inalienável.

Em espanhol, como em francês¹⁰, o facto de usarmos ou não a construção com dativo para indicar a posse inalienável depende do verbo principal da oração. Por conseguinte, as seguintes frases são incorrectas:

- (22) * *Elle lave les mains*¹¹. / * *Ella lava las manos*.
 (23) * *Elle se lève les mains*. / * *Ella se levanta las manos*.

A eliminação do possessor ocorre quando o verbo denota uma acção realizada pela parte do corpo em questão.

- (24) *Elle ferme la bouche*. / *Ella cierra la boca*.
 (25) *Elle ouvre les yeux*. / *Ella abre los ojos*.

Por outro lado, a construção com dativo é utilizada quando o verbo indica uma acção que se exerce sobre a parte do corpo em questão.

- (26) *Elle s'est coupé le doigt*. / *Ella se ha cortado el dedo*.
 (27) *Elle se mord les ongles*. / *Ella se muerde las uñas*.

Não obstante, em português esta distinção não se observa, dado que é raro que a construção com dativo apareça.

- (28) *Ela lava as mãos*. / * *Ela lava-se as mãos*.
 (29) *Ela levanta as mãos*. / * *Ela levanta-se as mãos*.
 (30) *Ela fecha a boca*.
 (31) *Ela abre os olhos*.
 (32) *Ela cortou o dedo*. / * *Ela cortou-se o dedo*.
 (33) *Ela morde as unhas*. / * *Ela morde-se as unhas*.

¹⁰ Ver também Langacker (1968: 65), onde o autor analisa a eliminação do possessor nas construções que exprimem posse inalienável em francês.

Elle a levé la main ≠ la main est à elle ≠ →

Relativization:

Elle a levé la main qui est à elle →

Relative reduction:

Elle a levé la main à elle →

Possessor deletion:

Elle a levé la main.

A análise deste autor está correcta também no que diz respeito aos mesmos casos em português.

Ela levantou a mão ≠ a mão é dela ≠ →

Relativização:

Ela levantou a mão que é dela →

Redução da relativa:

Ela levantou a mão dela →

Eliminação do possessor:

Ela levantou a mão.

¹¹ Os exemplos (22) – (27) foram adaptados de Langacker (1968: 65).

Do exposto nesta secção infere-se que a eliminação do possessivo ocorre frequentemente, não só em português; no entanto, em diferentes línguas as situações que levam ao surgimento deste fenómeno são distintas.

4. CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DOS POSSESSIVOS

Como afirmam Mira Mateus et al. (2003: 61-62), num grupo de palavras com possessivo exprime-se não só a singularidade e unicidade do designado (isto é, o facto de os participantes no discurso seleccionarem um referente único e conhecido), mas também uma relação de localização do designado relativamente ao destinatário da mensagem. A relação de localização expressa por um possessivo situa um objecto relativamente ao emissor do enunciado (*meu, minha*), ao destinatário (*teu, tua; seu, sua* – no caso da forma de tratamento *você*) ou alguém não participante no discurso (*seu, sua*).

Investigando as características estruturais dos possessivos espanhóis, Radelli (1978: 236) chega à conclusão de que estes funcionam como relacionadores entre duas entidades: a primeira é um «artigo determinante» + «substantivo»; a segunda é o pronome pessoal ao qual o possessivo remete directamente. O mesmo acontece quanto aos possessivos portugueses. Este critério apoia-se na possibilidade de proporcionar uma transcrição parafrástica com a preposição *de* correspondente aos sintagmas mínimos com possessivo.

(34) *o meu pai = o pai de mim*

(35) *o teu amigo = o amigo de ti*

(36) *o seu carro = o carro dele, dela, de você, deles, delas, de vocês*

Estes exemplos mostram a equivalência que há entre o possessivo e a estrutura *de* + pronome pessoal. As duas formas de exprimir a relação «possessiva» são semanticamente idênticas (ainda que *de mim* e *de ti* não sejam usadas). No entanto, a função relacionante do possessivo é diferente da função relacionante da partícula *de*. A diferença consiste em que o possessivo pode estabelecer relações só entre um substantivo e um pronome pessoal, quando no caso da preposição *de* o segundo elemento pode ser, mas não obrigatoriamente, um pronome pessoal. A limitação da função dos possessivos e o carácter deíctico dos pronomes pessoais outorgam aos possessivos as características de deíxis, pelo qual estes podem ser definidos como relacionadores deícticos (Radelli, 1978: 237).

Cabe acrescentar que, quanto à equivalência entre o possessivo e a forma *de* + pronome, pode observar-se que a segunda estrutura é mais frequente do que a primeira nos casos em que aparece um possessivo de terceira pessoa. Como o significado das formas *seu* e *sua* pode ser ambíguo (já que estas se podem referir tanto a *ele, ela, você*

e os seus correspondentes em plural), usam-se frequentemente as formas analíticas: *dele, dela, deles, delas*¹².

Outra analogia importante que se pode estabelecer entre o relacionador *de* e o possessivo consiste em que os dois podem alternar com uma oração relativa equivalente¹³:

(37) *a casinha do cão = a casinha que o cão...*

(38) *o brilho do sol = o brilho que o sol...*

(39) *o meu livro = o livro que eu...*

(40) *a minha sopa = a sopa que eu...*

Apesar de nestes exemplos ser possível que os sintagmas mínimos alternem com orações relativas, importa lembrar que, enquanto para todos os possessivos podemos sempre encontrar uma relativa equivalente e na qual o possessivo desaparece («o meu...» sempre pode ser substituído por «o ... que eu ...»), no caso da partícula *de* esta substituição por uma relativa é possível unicamente em determinadas circunstâncias. Os exemplos a seguir mostram os casos em que esta alteração não se dá:

(41) *Conhecimento da vida.*

(42) *O João tem medo de mim.*

(43) *Vocês têm uma ideia de mim muito errada.*

(44) *Sinto vergonha de ti.*

No exemplo (41) a partícula *de* é substituível pela preposição *sobre*. Nas frases (42) – (44) pode-se verificar que, mesmo que estejamos perante a forma *de* + pronome pessoal, esta não equivale a um possessivo. Radelli (1978: 240) chama a relação estabelecida por *de* entre dois elementos (frases (37) – (40)) *relação endocêntrica*, e aquela que se observa nos exemplos (41) – (44), *relação exocêntrica*, afirmando que a estrutura com possessivo sempre estabelece uma relação endocêntrica, enquanto que a partícula *de* às vezes estabelece uma relação endocêntrica e outras vezes, exocêntrica. Por conseguinte, pode concluir-se que um possessivo corresponde sempre a *de* + pronome pessoal, mas *de* + pronome pessoal nem sempre equivale a um possessivo.

Como o repertório de significados que se pode obter mediante transcrições parafrásticas dos sintagmas com possessivo – considerando tanto as frases ambíguas como as não ambíguas – é demasiado amplo, parece pouco útil como critério de análise. De facto, como afirma Radelli (1978: 236), o significado implícito de um sintagma mínimo com possessivo está pré-determinado, depende directamente do tipo de relação que um sintagma mínimo com possessivo pode estabelecer entre um substantivo

¹² Stavrou (1973: 92) sublinha que o possessivo *vosso* também pode ser ambíguo já que pode referir-se não só à forma plural *vocês*, mas também à singular *ocê*.

¹³ Langacker (1968: 53) descreve o processo que chama *redução da relativa (relative reduction)*, que consiste no facto de as frases como *J'aime beaucoup ma maison (Gosto muito da minha casa)* derivarem das orações com uma relativa do tipo *J'aime beaucoup la maison qui est à moi (Gosto muito da casa que é minha)*.

determinado e um pronome. Os conteúdos semânticos expressos em português por meio destas construções compreendem tantos significados distintos quantas as relações possíveis entre substantivos e pronomes.

Vale a pena reflectir sobre alguns usos de possessivos cujo significado é ambíguo, como nos exemplos seguintes¹⁴:

(45) *Sinto muito a tua perda.*

(46) *A sua memória ajuda-nos.*

(47) *O João ainda guarda uma lembrança tua.*

A frase (45) tem o significado de «sinto muito a perda que tu sofreste», mas também pode significar «sinto muito a perda que eu sofri de ti». A frase (46) pode significar «a memória que ele tem» ou «a memória que nós temos dele». Por último, o exemplo (47) pode significar tanto «O João ainda guarda uma lembrança (objeto) que te pertence» como «O João ainda guarda uma lembrança de ti (lembra-se de ti)». Na opinião de Radelli (1978: 241), as interpretações mencionadas em segundo lugar representam um uso anómalo dos possessivos.

Finalmente, merece atenção a análise do marcador possessivo no inglês moderno que propõe Zribi-Hertz (1996). Mesmo que a natureza dos possessivos portugueses seja diferente da dos possessivos ingleses, podem encontrar-se alguns pontos em comum. Assim, de acordo com a hipótese de Zribi-Hertz, nas frases copulativas com um possessivo aparece um elemento possuído vazio (*empty Possessee* / [e]):

(48) *Este livro é seu [e]. = Este livro é seu livro.*

A mesma autora sustenta que em vários casos ocorre a eliminação do significado da posse ou propriedade (*property deletion*).

5. POSSESSIVOS EM FUNÇÃO DE DETERMINANTES

Os possessivos cumprem a função dos determinantes definidos e, como tal, delimitam a extensão do sentido do enunciado, tal como a descreve García Fajardo (1991: 740), isto é, como termo para referir o âmbito das possibilidades referenciais de uma expressão linguística. (A extensão infere-se do sentido da expressão.) Desta forma, os possessivos descartam alguns membros da extensão dos outros constituintes da frase. Os possessivos delimitam extensionalmente descartando membros que não estão em relação directa com a pessoa à qual corresponde o possessivo: com o locutor¹⁵, no caso de *meu*.

¹⁴ Os exemplos (45) – (47) foram adaptados de Radelli (1978).

¹⁵ Entendido como o responsável da enunciação (sem ter em conta os casos da ironia) e que normalmente coincide com o falante, quando este não está a fazer uma citação em estilo directo.

Dada a função referencial de todas as frases substantivas, o seu sentido interactua com os dados que aparecem no contexto linguístico e extralinguístico, concentrando-se nele. Quanto às frases cujo determinante é definido, atendendo a que no seu sentido se mencionam factores situacionais específicos, a interacção dirige-se a eles. Isto significa que na função referencial com um determinante possessivo (ou demonstrativo, ou artigo definido), se aplica a menção ao contexto situacional. Desta forma, o destinatário ao procurar o conjunto cujos membros têm as propriedades mencionadas na combinação entre o substantivo e o adjectivo, dirige-se para um subconjunto seu que tenha relação directa com o emissor, se o determinante é o possessivo *meu* (García Fajardo, 1991: 745).

Quanto às implicações dos possessivos, cabe assinalar que a extensão da oração substantiva é menor do que a extensão que resulta da combinação dos constituintes excluindo o determinante. Além disso, existem outros membros do conjunto mencionado no substantivo (e os seus adjectivos) além daqueles aos que se faz menção com a frase completa. No caso de *meu*, em relação directa com o emissor do enunciado a extensão da frase substantiva é idêntica à extensão que resulta da combinação dos constituintes da frase excluindo o determinante:

(49) *Estou em casa. = Estou na minha casa.*

Não existem outros membros do conjunto mencionado mediante o substantivo (e os seus adjectivos) que estejam em relação directa com o emissor, além daquele a que se faz referência na frase completa (García Fajardo, 1991: 746).

Um sintagma nominal com possessivo implica que não existe outro indivíduo ou objecto da mesma classe em relação directa com o remetente (no caso do possessivo *meu*). Por isso, a frase

(50) *O meu filho tem 10 anos.*

implica que o remetente do comunicado só tem um filho, ou que esse é o único pertencente ao universo do discurso em questão.

6. POSSESSIVOS E O CONTEXTO

A polissemia das expressões possessivas pode explicar-se com o facto de que aos possessivos não lhes são atribuídas categorias conceptuais definidas. O seu conteúdo é essencialmente operativo, depende do contexto sintagmático e, de forma mais ampla, do contexto cultural (Kiklewicz, 2012: 145). A função dos possessivos pode descrever-se como a de designar uma relação que se dá entre o emissor de uma expressão com possessivo e aquilo acerca do que essa expressão é produzida. O significado dessa relação deduz-se quer do contexto cultural (graças ao conhecimento geral sobre

o mundo que os interlocutores têm), quer de uma situação comunicativa específica. É importante que os interlocutores tenham uma competência cultural comum, já que esta é a base da interpretação da semântica relacional.

Kiklewicz (2012: 149) trata da ambissemia dos possessivos, termo que indica a possibilidade de diferentes interpretações de um signo, dependendo do contexto sintagmático, ao mesmo tempo tendo em conta o conhecimento cultural ou empírico, situacional dos interlocutores. Também Jodłowski (1973: 115) sublinha que só num contexto situacional específico os pronomes adquirem um significado denotativo real. No entanto, num dicionário o pronome não é completamente vazio semanticamente. Todos os pronomes, mesmo em isolamento, têm dois elementos semânticos: por um lado, determinam o marco categorial para o designado (número, género, etc.); por outro, assinalam a directiva denotativa, que está constituída, no caso dos pronomes possessivos, pelo carácter possessivo, o qual informa o destinatário sobre o marco situacional no qual este deveria procurar o designado de dado pronome.

O significado dos signos relacionais é composto por dois módulos. Um deles está formado pelos elementos que definem o significado do signo, a saber, os concernentes ao designado. Estes constituem a endossementica do signo. O outro módulo refere-se ao conhecimento geral ou situacional sobre as pessoas ou objetos em questão e pertence ao aspecto exossementico do signo.

O aspecto endossementico diz respeito à forma interna do lexema, ao seu significado derivativo. Quanto aos possessivos, o sentido endossementico do lexema *meu* é de «aquele que está numa relação comigo (o emissor da mensagem)». Por outro lado, o valor exossementico do mesmo lexema supõe que «a relação entre mim e o *x* é tal como sempre (ou de costume) se observa entre o emissor e o *x*». Com tudo isso, pressupõe-se que o destinatário tem conhecimento sobre a relação que sempre ou de costume se dá entre o remetente e o *x* (Kiklewicz, 2012: 152).

De acordo com o referido anteriormente, e com base nos exemplos de Kiklewicz (2012: 152) e de Radelli (1978: 235), podem-se formular as seguintes interpretações:

Quadro 1

Diferentes significados dos possessivos

Grupo de palavras	Conhecimento cultural	Significado contextual
<i>o meu irmão, o meu tio</i>	Algumas pessoas têm irmãos, tios.	a pessoa que está numa determinada relação com «eu»; relações de parentesco simétrica e assimétrica
<i>o meu colega</i>	Algumas pessoas realizam as mesmas actividades que outras e têm colegas.	a pessoa que partilha com «eu» uma actividade; relação simétrica

<i>o meu professor, o meu chefe</i>	Algumas pessoas estudam ou trabalham e têm professores ou chefes.	a pessoa que ensina ou manda a «eu»; neste caso «eu» define-se implicitamente como «discípulo» ou «subordinado»; relação assimétrica
<i>a minha cidade, a minha rua</i>	Algumas pessoas moram nas cidades, nas ruas.	a cidade, a rua na que «eu» mora; relação locativa
<i>o meu carteiro</i>	Algumas pessoas recebem cartas trazidas por um carteiro.	o carteiro que faz o seu serviço onde mora «eu»; relação indirecta
<i>o meu cogumelo</i>	As pessoas às vezes encontram cogumelos.	o cogumelo que «eu» encontrou
<i>a minha fortuna</i>	Algumas pessoas possuem fortunas.	a fortuna que «eu» possui
<i>o meu livro</i>	Algumas pessoas escrevem livros.	o livro que «eu» escreveu
	Algumas pessoas compram e possuem livros.	o livro que «eu» possui
<i>a minha foto</i>	Algumas fotos representam algumas pessoas.	a foto que representa «eu»
	Algumas pessoas tiram fotos.	a foto que tirou «eu»
	Algumas pessoas possuem fotos.	a foto que possui «eu»
<i>as minhas flores</i>	Algumas pessoas oferecem flores às outras.	as flores que «eu» ofereceu a alguém
	Algumas pessoas cultivam flores.	as flores que «eu» cultivou
	Algumas pessoas recebem flores.	as flores que «eu» recebeu
<i>a minha sopa</i>	Algumas pessoas às vezes preparam uma sopa.	a sopa que «eu» preparou
	Algumas pessoas às vezes comem uma sopa.	a sopa que «eu» tem de comer
etc.		

Obviamente, as anteriores constituem só algumas das possíveis interpretações dos mencionados sintagmas mínimos com possessivo (artigo + possessivo + substantivo), mas o conjunto desses grupos de palavras mostra que não há neles um conteúdo semântico especificamente «possessivo»: o significado de posse ou pertença é frequente, mas de nenhuma forma é o único, nem sequer predomina a ponto de se lhe atribuir um papel determinante na definição destes sintagmas.

7. CONCLUSÕES

Neste artigo foram examinadas a semântica e a estrutura de diferentes construções possessivas em português, comparando-as com os seus equivalentes em algumas outras línguas românicas. Foram analisados os distintos usos dos adjectivos e pronomes possessivos, sublinhando-se o papel que desempenha o contexto na sua interpretação.

Primeiro, foram apresentadas duas classificações dos possessivos. Depois, foram descritas as frases nas quais a posição sintáctica do possessivo fica vazia, atendendo-se nas formas de expressão de posse inalienável. Seguidamente, foram apresentadas algumas das características estruturais dos possessivos portugueses e foi descrita a sua função como determinantes. Finalmente, foi sublinhada a importância do contexto situacional e cultural para se decifrar o significado duma frase possessiva.

De tudo o que se expôs pode concluir-se que os possessivos não exprimem unicamente o significado de posse ou pertença, mas a sua semântica é muito mais rica. O significado implícito de um sintagma com possessivo depende directamente do tipo de relação que se dá entre um substantivo e um possessivo. Além disso, só num contexto específico é que os possessivos adquirem um significado real. É essencial os interlocutores terem um conhecimento cultural comum para poderem interpretar de forma correcta o significado dos possessivos que aparecem no enunciado.

Dados os limites deste trabalho, não se pretendeu fazer nele uma descrição exaustiva dos possessivos em português; o propósito foi antes o de oferecer uma amostra da complexidade do tema. É necessário reconsiderar aquilo que tradicionalmente foi dito sobre os possessivos e, para isso, devem realizar-se mais estudos sobre este tema. Seria igualmente interessante investigar quais são as razões por que em algumas línguas ao exprimir a posse inalienável o possessivo morfológico seja elidido e em outras não.

BIBLIOGRAFIA

- CORPUS DE REFERÊNCIA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO <<http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/portugal/>>. (Data de consulta: 18.07.2012).
- DEMONTÉ Violeta (1988): «El “artículo en lugar del posesivo” y el control de los sintagmas nominales». *Nueva Revista de Filología Hispánica*, El Colegio de México, 36/1: 89-108.
- GARCÍA FAJARDO, Josefina (1991): «El significado de los determinantes españoles». *Nueva Revista de Filología Hispánica*, El Colegio de México, 39/2: 737-752.
- JODŁOWSKI, Stanisław (1973): *Ogólnojęzykoznawcza charakterystyka zaimka*. Wrocław–Warszawa–Kraków–Gdańsk: Wydawnictwo Polskiej Akademii Nauk.
- KAROLAK, Stanisław (2001): «Status rodzajnika w gramatyce o podstawach semantycznych». In *Od semantyki do gramatyki*. Warszawa: Instytut Sławiastyki Polskiej Akademii Nauk, 337-360.
- KIKLEWICZ, Aleksander (2012): *Czwarte królestwo. Język a kontekst w dyskursach współczesności*. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN.
- LANGACKER, Ronald W. (1968): «Observations on French Possessives». *Language*, Linguistic Society of America, 44/1: 51-75.

- LOPES, Óscar (1972): *Gramática simbólica do português*. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica.
- MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; HUB FARIA, Isabel (2003): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- RADELLI, Bruna (1978): «Los posesivos en español». *Nueva revista de filología hispánica*, El Colegio de México, 27/2: 235-257.
- STAVROU, Christopher (1973): «Portuguese Pronouns and Command Forms». *Hispania*, 56/1: 92-93.
- ZRIBI-HERTZ, Anne (1997): «On the Dual Nature of the “Possessive” Marker in Modern English». *Journal of Linguistics*, Cambridge University Press, 33/2: 511-537.